

# FORMULAÇÃO TEÓRICA E PESQUISA EMPÍRICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: SOBRE OS CONCEITOS DE *HABITUS* E *REFLEXIVIDADE*

THEORETICAL FORMULATION AND EMPIRICAL RESEARCH:  
ON THE CONCEPTS OF HABITUS AND REFLEXIVIDADE

Stela Cristina de GODOI

*Doutoranda em Sociologia. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pós-Graduação em Sociologia – Campinas – SP – Brasil. 13083-896 – stela\_godoi@yahoo.com.br<sup>1</sup>*

**RESUMO:** A temática central deste artigo é a natureza da relação existente entre a formulação teórica e a pesquisa empírica, levando em consideração as fronteiras das ciências sociais e as diferentes equações elaboradas pelos autores clássicos para essa questão. Tal reflexão será feita por meio da análise dos fundamentos teórico-metodológicos de Bourdieu, através da demonstração dos significados do conceito de *habitus* e *reflexividade* para as pesquisas em sociologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Materialismo. Objetividade. Subjetividade. Empírico. Teórico.

**ABSTRACT:** *The central theme of this paper is the nature of the relationship between the theoretical formulation and empirical research, tacking into account the frontiers of the social sciences and the various equations developed by classical authors to this question. Such a discussion is done through the analysis of theoretical and methodological fundamentals of Bourdieu, through the demonstration of the meanings of the concept of habitus and reflexividade for research in Sociology.*

**KEYWORDS:** *Materialism. Objectivity. Subjectivity. Theoretical. Empirical.*

---

<sup>1</sup> A tese em construção intitula-se: *Sobre duas rodas, traçando itinerários: um estudo acerca da experiência dos motoqueiros profissionais de Campinas/SP na trama histórica da precarização do trabalho*, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Antunes e financiamento CAPES.

## 1 Introdução

De acordo com Pierre Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004) a maior parte dos erros a que está exposta tanto a atividade sociológica, quanto à reflexão sobre tal atividade, encontra sua raiz na representação falsa da epistemologia das ciências da natureza e da relação que ela mantém com a epistemologia das ciências do homem. Deste modo, por se tratar de uma reflexão sobre as contribuições deste autor para as pesquisas em ciências sociais se buscará, ao longo deste artigo, subtrair dos autores clássicos da sociologia as premissas teórico-metodológicas que marcaram as fronteiras das ciências sociais e a trajetória científica de Bourdieu, levando em consideração as diferentes equações para a interação entre a formulação teórica e a pesquisa empírica.

Neste sentido, o método desenvolvido por Karl Marx, será o ponto de partida da reflexão proposta neste artigo para se pensar a relação entre o empírico e o teórico. O movimento do pensamento, tal como proposto por Marx, que se eleva do abstrato ao concreto, ainda que o concreto seja o ponto de partida efetivo da observação, produz como resultado o entendimento da unidade do diverso, da totalidade concreta de múltiplas determinações, e não uma representação caótica, ou precariamente articulada, do todo (tal como fizeram os economistas com os quais Marx debatia). A teoria da história de Marx reabre o contraponto entre indivíduo e história buscando dar conta da especificidade do capitalismo, no que diz respeito à sua lógica sistêmica e à sua historicidade.

Por sua vez, para Durkheim, considerado o pai da sociologia, a ordem de fatos que a sociologia deve se ocupar se encontra fora das consciências individuais. Trata-se, portanto, do pressuposto da objetividade dos fatos sociais, segundo o qual o que caracteriza o fato social é sua exterioridade e, portanto, deve ser tratado como “coisa”. Assim, Durkheim não parte nem de pressupostos metodológicos comuns ao pensamento marxista, nem chega às mesmas conclusões. Contudo, o pressuposto durkheimiano de que o “meio social” seria o fator determinante a ser considerado na análise, e na própria “evolução coletiva”, se aproxima, de certa forma, do pensamento marxista.

Por sua vez, apesar de haver um aspecto em comum entre Marx e Durkheim com relação a formulação de que a vida social não deve ser explicada simplesmente pela concepção que fazem dela aqueles que nela participam, há um abismo entre a concepção dialética da história de Marx, e a compreensão rigidamente polarizada entre indivíduo e sociedade em Durkheim (IASI, 2002).

Deste modo, não se pode perder de vista que tanto a obra de Durkheim, quanto a de Weber se desenvolveram em um contexto em que o materialismo histórico já se constituía em uma teoria social consolidada. Ou seja, parece interessante neste estudo perceber as referências implícitas e as polêmicas declaradas tanto por Durkheim quanto por Weber em relação ao pensamento marxista.

De Durkheim, Weber criticou o pressuposto da objetividade, embora para Iasi (2002) a afirmação de Weber de que ciência e concepções de mundo se excluem o aproxima de Durkheim. A sociologia histórica surge como oposição a ênfase da sociologia no “meio social” e propôs uma análise das motivações e padrões de conduta dos indivíduos e da significação cultural dos eventos analisados. De Marx, Weber refutou, dentre outros elementos, a proposição de que a ciência pode se transformar numa força social e numa concepção de mundo.

Sua teoria da história, contudo, não explicou, mas pressupôs a formação historicamente única em que toda a produção é subordinada à autoexpansão do capital. De acordo com a leitura de Wood (2003) “a ética protestante do trabalho” de Weber não é capaz de explicar a ligação especificamente capitalista entre comércio e produtividade porque a união dos dois já está contida na definição de Weber de “trabalho”. Assim, enquanto a crítica da economia política e a transcendência das categorias autoavaliadoras do capitalismo foram o primeiro princípio metodológico de Marx, o sistema conceitual de Weber acabou por filtrar a história pela ótica da economia capitalista moderna, em parte por não ter feito a crítica reflexiva dos conceitos empregados, como no caso de “trabalho” e “ação econômica” (WOOD, 2003). Ao contrário, Weber afirma que: “No que se refere ao método da investigação – o “como” – é o ponto de vista dominante que determina a formação dos conceitos auxiliares de que se utiliza.” (WEBER, 2006, p.100).

Assim, conforme buscaremos demonstrar, do ponto de vista teórico-metodológico é possível afirmar que, de Marx, Bourdieu pegou a formulação de que os conceitos são historicamente construídos e devem ser submetidos à crítica, na medida em que se trata de categorias historicamente determinadas. Também parece ter incorporado fortemente o pressuposto de que o real não está à disposição da ciência em estado de transparência. De Weber, por sua vez, Bourdieu incorporou as premissas de que há um elemento cultural na vida social, que intervém na própria escolha do objeto de acordo com a significação cultural do evento, de tal modo que para o autor, apenas as idéias de valor que

dominam o investigador e uma época podem determinar o objeto de estudo e seus limites (WEBER, 2006).

## 2 Um retorno às fronteiras da ciência

Um dilema que continua a fomentar debate nas ciências sociais e na filosofia da ciência diz respeito às diversidades metodológicas, teóricas e epistemológicas entre as ciências naturais e as ciências da sociedade. Para Ianni (2003) tratam-se de duas culturas científicas, cujos diálogos e problemáticas levantadas estão presentes desde o século XIX. Analisando o itinerário de conceitos centrais na análise sociológica, como o de estrutura e de divisão do trabalho é possível compreender melhor a construção desta “cultura científica” particular a partir das contribuições dos clássicos.

Segundo Bastide (1971), a palavra estrutura vem do latim *strutura*, derivada do verbo *struere*, construir. Porém, a partir do século XVII o emprego desta palavra passou a se expandir. Num primeiro momento, ela passa a ser usada para designar a constituição do corpo, bem como se refere à língua. Contudo, os pioneiros do pensamento moderno – Spencer, Morgan, Marx – criam um novo itinerário para o termo. Morgan, assim como Lévi-Strauss, não fala de “estrutura”, mas de “sistemas” de parentesco. Deste modo, para Bastide (1971), a contribuição de Marx para o entendimento deste termo se enquadra na corrente inaugurada por Morgan, ao mesmo tempo em que a supera<sup>2</sup>.

Marx, sobretudo a partir dos *Grundrisse*, se diferencia radicalmente da tradição liberal que buscava construir explicações causais naturais para o surgimento do capitalismo, supondo que os seus impulsos já se encontravam presentes nos interstícios do feudalismo. Por exemplo, para Adam Smith, o capitalismo teria sido apenas o amadurecimento do comércio e da divisão do trabalho já que a natureza humana teria uma inclinação inata para a troca, o *Homo economicus*. Assim, de acordo com Wood (2003), para explicar o capitalismo foi necessário pressupor sua existência.

Para Marx, ao contrário, toda forma social tem seu modo específico de atividade econômica e sua própria lógica do processo, desafiando a visão de que

---

<sup>2</sup> Uma compreensão mecanicista da obra de Karl Marx que hiperdimensiona o conceito de estrutura, em uma interpretação dicotômica de estrutura/superestrutura, acaba por ocultar os elementos críticos do marxismo. Assim, o célebre fragmento do prefácio à *Contribuição à crítica da economia política*, frequentemente utilizado para fundamentar esta análise dualista, deve ser entendido, segundo Lefebvre (apud BASTIDE, 1971), como um programa de estudo de Marx.

há apenas uma espécie de lógica econômica. Deste modo, através do “[...] que se poderia chamar de desconstrução da teoria capitalista por meio da aplicação e da transcendência críticas e subversivas das mesmas categorias empregadas pela economia política clássica.” (WOOD, 2003, p.132), o método de Marx se concentrou na especificidade de toda formação econômica, ao mesmo tempo em que procurou os princípios de movimento de uma para outra não apenas em alguma força trans-histórica e universal ou na remoção de obstáculos, mas sim na dinâmica de cada uma destas formas sociais.

O resultado obtido por uma investigação desenvolvida com o método proposto por Marx, por meio de sua crítica ao método da economia política, não são explicações fundadas em leis universais sobre um concreto idealizado como pressuposto, mas sim a produção de um “concreto pensado”, ou seja, de uma representação do real que contemple uma síntese dos elementos diversos do mundo empírico, por meio de conceitos que ainda que tenham validade para outras épocas, são produto de condições históricas e “[...] não possuem validade senão para essas condições e dentro destes limites.” (MARX, 1982, p.17). Assim, nesta interpretação sobre a interação dialética entre a abstração teórica e a observação empírica do real, o movimento do pensamento nem produz o real nem o reproduz simplesmente, como se ele já contivesse sua própria explicação, antes mesmo da confrontação com as categorias do pensamento.

Mas o materialismo histórico enquanto teoria crítica, que tem na contradição o seu princípio explicativo, será refutado pela sociologia, que passa a se constituir como um campo específico do saber, como uma ciência positiva, sobretudo a partir da obra de Émile Durkheim. De certa forma, a sociologia proposta por Durkheim busca inspiração não no materialismo histórico formulado por Marx e Engels, mas sim nos economistas políticos, cujas formulações Marx se dedicou a combater, por cerca de vinte anos de sua trajetória intelectual.

Pode-se observar, por exemplo, uma homologia entre os conceitos de divisão social do trabalho em Durkheim e Adam Smith, na medida em que implicava na visão da realidade como um todo funcional, um organismo. Para Ianni (2003, p. 20-21): “São evidentes as convergências dos conceitos formulados por Adam Smith, para a economia política, e por Durkheim, para a sociologia, com o conceito de divisão do trabalho com o qual trabalhou o naturalista Charles Darwin.”

No campo da sociologia, Durkheim retoma essa perspectiva funcionalista no emprego deste conceito e o desenvolve formulando a explicação de que as sociedades se fundamentam e organizam com base em duas noções de solidariedade, orgânica e mecânica (IANNI, 2003). Nesta acepção do conceito, o crescente aperfeiçoamento da divisão do trabalho social, garante o aperfeiçoamento e a consolidação da solidariedade orgânica.

Ao final do século XIX, a sociologia foi desafiada a libertar-se desta epistemologia funcionalista, claramente presente nesta acepção do conceito de divisão do trabalho. No bojo deste processo, ao buscar demarcar mais precisamente as fronteiras de seu objeto, tratou-se de substituir os procedimentos de “explicação” pelos de “compreensão”, focalizando as análises para o mundo da vida, as conexões de sentido, a identidade, a subjetividade. Assim, será a partir das formulações de Weber que a sociologia se voltará ao indivíduo e suas motivações. De acordo com Ortiz (1983), a análise weberiana se apresenta como a contrapartida da sociologia proposta por Durkheim, para a qual a estrutura social avança sobre o indivíduo. Assim,

[...] a sociologia compreensiva retoma o pólo recusado por Durkheim e define os fenômenos sociais a partir das condutas individuais; o sentido da ação é, assim, considerado como o sentido subjetivo que o ator lhe comunica. (ORTIZ, 1983, p.11-12).

Deste modo, a partir da formulação de Weber as próprias condições de existência social, nas quais o cientista se encontra inserido, passam a ser considerados componentes fundamentais de sua atividade científica.

Ou seja, partindo desta reflexão sobre essas três principais fontes do pensamento sociológico – o materialismo histórico de Marx e Engels, a sociologia funcionalista de Durkheim e a sociologia compreensiva de Weber – Ianni (1989) afirma que a sociologia é uma ciência que nunca deixou de ter conotação de “técnica de autoconsciência científica da realidade”<sup>3</sup>, de tal modo que o presente, bem como o universo cultural no qual o cientista está imerso, impõem-se como critério ou objeto da reflexão científica.

Então, de que modo as formulações teórico-metodológicas de Pierre Bourdieu acerca da sociologia como uma “prática científica reflexiva”, um *habitus* do “ofício de sociólogo”, iluminam o entendimento da relação sujeito-objeto nas

<sup>3</sup> Esta noção de autoconsciência definida por Ianni (1989, p.127) será retomada mais a frente neste texto na análise sobre o conceito de reflexividade de P. Bourdieu.

ciências sociais? Dito de outro modo, qual o significado da noção de *habitus* e *reflexividade* de Pierre Bourdieu para as pesquisas nas ciências sociais?

### 3 O papel do trabalho de campo na sociologia de Pierre Bourdieu

Buscando ressaltar tanto a originalidade do autor, quanto suas referências teóricas implícitas, Ortiz (1983) define o conhecimento “praxeológico” para Bourdieu. Trata-se de um outro gênero do conhecimento, distinto do estruturalismo e da fenomenologia, que pretende articular dialeticamente o ator social e a estrutura social.

Através dos estudos de Bourdieu acerca de uma teoria da prática, é possível observar a busca do autor em apreender os avanços e os limites tanto do estruturalismo objetivista, quanto da fenomenologia subjetivista. Assim: “A antiga polêmica entre subjetivismo e objetivismo emerge, portanto, como ponto central para a reflexão de Bourdieu.” (ORTIZ, 1983, p.8). A análise de Bourdieu não rejeita o conhecimento objetivista, pois considera as estruturas, sistemas estruturados e estruturantes.

Levando em consideração que o objetivismo sociológico, seja ele durkheimiano ou estruturalista marxista, prescinde de uma teoria da ação, e que o estruturalismo considera os sistemas de representações somente como “estrutura estruturada”, Pierre Bourdieu retoma a problemática subjetivismo/objetivismo situando a análise estrutural como antagônica a uma teoria da ação social. Assim, de acordo com Ortiz (1983) Pierre Bourdieu produz uma nova síntese das obras dos autores clássicos das ciências sociais.

Ademais, Bourdieu promove uma reconciliação entre a teoria e a pesquisa empírica, por meio de um tipo de pesquisa integrada, que solda a abordagem fenomenológica e estrutural, com o conceito de poder simbólico. Assim, o seu modo específico de criação sociológica se cristalizou através da construção de objetos empíricos concretos. Por exemplo, no caso do conceito de *habitus*, ele surgiu como categoria mediadora na análise de Bourdieu sobre o agitado mundo duplo da Argélia colonial em desagregação. O *habitus* se definiu, assim, como um mecanismo estruturante que opera no interior dos agentes, apesar de não ser propriamente nem estritamente individual. O *habitus* é o princípio gerador das estratégias que permitem aos agentes enfrentar situações muito diversas. Assim, este conceito pressupõe um raio de espaço de inventividade, só que dentro de estruturas objetivadas.

Por isso, Wacquant (2006) afirma ser necessário prestar atenção aos primeiros estudos deste autor, conduzidos concomitantemente na Argélia colonial e na sua aldeia natal no Béarn, para apreciar melhor a sua abordagem sociológica e seus resultados científicos numa nova chave interpretativa. Analisando estes primeiros estudos fica claro que o trabalho de campo desempenhou um papel essencial nas edificações de Bourdieu, traçando um fio condutor da análise, seja na Cabília da Argélia colonial, em sua terra natal, no Béarn rural, ou sobre as novas formas de dominação e desolação sociais causadas pelas reformas neoliberais. Assim, estes estudos:

[...] revelam as raízes etnográficas gêmeas da sua empresa teórica, dissolvem a figura caricatural do “teórico da reprodução”, indiferente à mudança histórica, e afastam a ficção acadêmica do “teórico da prática”. Mostram como as inovações conceituais de Bourdieu (como o conceito de *habitus*) eram guiadas por questões de pesquisa de campo centradas na transformação social, na disjunção cultural e na divisão da consciência. (WACQUANT, 2006, p.01).

Essa “praxeologia” proposta por Bourdieu e Wacquant (1992) pressupõe uma relação dialética entre dois momentos do programa epistemológico. Um momento de contato com as estruturas objetivas que definem as pressões exteriores que atuam sobre os sujeitos e, um outro no qual se re-introduz a experiência dos agentes. Como para Bourdieu há uma homologia entre as estruturas sociais e as estruturas mentais, o autor aponta uma relação de causalidade entre essas duas dimensões geneticamente ligadas ao universo social, de tal modo, que os esquemas mentais aparecem como a incorporação das divisões sociais.

Assim, se esta relação de causalidade é válida significa que a análise do *habitus*, enquanto objetividade de segunda ordem é o prolongamento lógico da análise das estruturas objetivas, desaparecendo a falsa antinomia estabelecida entre a sociologia e a psicologia social (WACQUANT, 2006).

Esta reintegração das disciplinas fragmentadas fica realçada na análise cruzada dos dois estudos de Bourdieu sobre a Cabília e o Béarn, concebida por Wacquant (2006), como dois momentos de uma única experiência arrojada de reflexividade científico-social. Deste modo, “Bourdieu derruba a presunção indiscutida, [...], de que seja necessário ser socialmente distante e culturalmente diferente daqueles que se estuda para chegar a uma observação participante válida.” (WACQUANT, 2006, p.20).



Em anotações de Bourdieu, depois de retornar do trabalho de campo, Wacquant (2006) identifica que o princípio de seleção presente em seu diário “multisituado” não era o da ligação entre os locais, inscrita no objeto em si mesmo, mas sim o da ligação de cada local com o investigador.

Deste modo, a partir desta leitura do trabalho científico de Bourdieu que buscou reconciliar a pesquisa empírica à formulação teórica, a ciência da sociedade deve assegurar, ao mesmo tempo, as análises dos recursos materiais e dos meios de apropriação (concebidas como objetividade de primeira ordem) e a análise dos esquemas mentais como matriz simbólica das atividades práticas, condutas, sentimentos, sentidos da ação (concebidas como objetividade de segunda ordem), de forma a destruir a ilusão da “transparência do mundo social”, considerando que as visões e interpretações do sujeito e do objeto da investigação são um componente incontornável do mundo social.

Assim, embora as fronteiras entre as ciências da natureza e da sociedade sejam porosas, de acordo com Bourdieu (2001), a dificuldade específica das ciências sociais, diferente do que ocorre com as ciências da natureza, é lidar com o inconsciente transcendental, ou seja, com a necessidade de se historicizar o sujeito da historicização e de objetivar o sujeito da objetivação, para garantir as condições de acesso da ciência à consciência de si.

#### **4 O exercício da *reflexividade* como técnica de objetivação**

A compreensão da particularidade das ciências sociais toca nos problemas da autonomia e da invenção. As ciências sociais estão particularmente expostas a uma grande pressão externa, tornando a autonomia internamente difícil de instalar-se. Tal pressão é agravada pelo fato do domínio científico ser exercido por aqueles pesquisadores que têm maior inclinação para se submeter às demandas externas (BOURDIEU, 2001).

Além disso, a “[...] influência das noções comuns é tão forte que todas as técnicas de objetivação devem ser utilizadas para realizar efetivamente uma ruptura que, na maior parte das vezes, é mais professada do que concretizada” (BOURDIEU, CHAMBOREDON; PASSERON, 2004, p.24). Neste sentido, a questão da invenção aparece para a sociologia como um processo de ruptura com a simples versão do real.

Para Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004) trata-se de adquirir uma disposição mental que é a condição, tanto da invenção quanto da prova. Uma

condição necessária para a adoção desta postura epistemológica é não confinar o pesquisador à submissão cega a um determinado programa metodológico, que exclui o retorno reflexivo ao mesmo, condição da invenção de novos programas. Desta forma, este exercício reflexivo consiste:

[...] em descobrir no decorrer da própria atividade científica, incessantemente confrontada com o erro, as condições nas quais é possível tirar o verdadeiro do falso, passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro [...]. Transportando para o caso das ciências do homem, essa filosofia do trabalho científico como “ação polêmica incessante da Razão” pode propiciar os princípios de uma reflexão capaz de inspirar e controlar os atos concretos de uma atividade verdadeiramente científica (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004, p.17).

Considerando, pois, que a “verdade” em Ciências Sociais é uma construção social, para Bourdieu (2001) é fundamental que não se perca de vista que a sociologia é parte integrante das lutas que descreve. Deste modo, a crítica reflexiva aparece como uma forma de assegurar um degrau superior de liberdade, com respeito às necessidades sociais que pesam sobre o pesquisador.

Para tanto é necessário não só uma crítica epistemológica, mas também sociológica. Uma sócio-análise do espírito científico, enquanto princípio de liberdade e inteligência (BOURDIEU, 2001). Então, quando Bourdieu e Wacquant (1992) se refere a uma antropologia reflexiva ele a usa em relação a uma abordagem, na qual o exercício da reflexividade pode criar condições para que a objetivação ocorra a partir de uma distância, mas não de fora necessariamente.

A reflexividade requer menos uma introspecção intelectual que uma análise e um controle sociológico permanente das práticas. Então, a proposta do autor se diferencia da reflexão do sujeito sobre o sujeito, que tanto a etnometodologia quanto a sociologia fenomenológica praticam. A reflexividade, ao contrário, requer uma exploração sistemática das categorias dos pensamentos impensados que delimitam o pensável e pré-determinam o pensamento.

Observando as questões colocadas pelo autor acerca das noções impensadas embutidas nos próprios conceitos utilizados nos questionários aplicados em pesquisas na Argélia colonial e no Béarn, é possível compreender melhor o significado deste controle sociológico permanente das práticas. Na aplicação de uma mesma questão sobre a vivência do trabalho, nas duas

comunidades, ele pôde perceber que o termo trabalho carregava, nas diferentes realidades, significados muitas vezes opostos. Portanto, o sociólogo que for inconsciente em relação à problemática implicada em suas perguntas, privar-se-á de compreender também a problemática que os sujeitos implicam em suas respostas.

Neste sentido, transportando o conceito de *habitus*, para a sociologia da sociologia, Bourdieu (2001) afirma que a *reflexividade* deve ser um dispositivo constitutivo do *habitus* científico dos sociólogos. Neste sentido, há uma relação dialética entre a autoanálise e a análise constitutiva do trabalho de objetivação. Fazer da objetivação do sujeito da objetivação, a condição da objetivação científica é não somente examinar os métodos científicos de objetivação, mas é também uma forma de atualizar cientificamente as condições sociais que possibilitam a construção.

Por fim, recusando estabelecer uma dissociação entre método e prática, Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004) se propõem a explicitar um “sistema de hábitos intelectuais” destinado àqueles que:

[...] “tendo bemarcado” na prática da sociologia empírica e não precisando que lhes seja lembrada a necessidade da medida e de toda a sua parafernália teórica e técnica, concordam, de imediato, conosco sobre [...] a necessidade de levar em consideração todas as ferramentas conceituais ou técnicas [...] à verificação experimental. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004, p.10).

A atitude epistemológica proposta visa proporcionar ao pesquisador os meios de assumir por si próprio a vigilância de seu trabalho científico. Essa forma de autocontrole, assumindo um posicionamento crítico em relação ao próprio processo de objetivação, trata os conceitos ou métodos como ferramentas que, arrancadas de seu contexto original, se oferecem para novas utilizações. Bourdieu considera que:

O receio de que o empreendimento leve a um amálgama de princípios extraídos de tradições teóricas diferentes ou à constituição de um conjunto de fórmulas dissociadas dos princípios que as fundamentam é uma forma de esquecer que a reconciliação [...] opera-se realmente no exercício autêntico da profissão de sociólogo ou, mais exatamente, [de seu] [...] *habitus* (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004, p.13-14).

Assim, parece necessário um sistema de hábito científico que “reconcilie” conceitos, sem contudo, considerar as técnicas isentas de conteúdo teórico intrínseco. Por outro lado, o autor recusa uma exortação insistente em prol da precisão metodológica que ameaça a eficiência da vigilância epistemológica, como se pode subtrair do trecho abaixo:

Assim, em vez de nos interrogarmos, por exemplo, sobre o objeto da medição e nos perguntarmos se ele merece ser medido, em vez de questionarmos as técnicas de medição [...] podemos [...] perseguir [...] o ideal contraditório de uma precisão intrinsecamente definível (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004, p.19-20).

Nas perspectivas abordadas acima, submetendo técnica, conceitos e a si próprio à crítica reflexiva, o cientista está habilitado, de acordo com Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004) a empregar um conjunto de conceitos e técnicas subtraídas de outros corpos teóricos. Então, o divórcio entre teoria e prática, o fetichismo conceitual ou o complexo de exatidão são, de acordo com Ianni (1989), expressões do colapso da imaginação sociológica<sup>4</sup>.

Por sua vez, planando sobre esta paisagem, Bourdieu trilhou o caminho da superação das antinomias perenes das ciências sociais: objetividade/subjetividade, teoria/pesquisa empírica, simbólico/material. Nas análises aqui apresentadas buscou-se mostrar que, o conceito de *habitus* e de *reflexividade*, são fundamentais para compreender a “praxeologia” de Bourdieu, bem como seu itinerário científico. Assim, pode-se especular que a posição especial que o trabalho de campo ocupa na prática científica de Bourdieu é um potente instrumento de autoconhecimento, através da busca do conhecimento íntimo do outro.

## 5 Considerações finais

Com base nas análises precedentes, acerca das fronteiras porosas das ciências sociais, da singularidade de seu objeto e da necessidade, diante disso, de assumir uma postura de vigilância epistemológica, como meio da prova e da invenção, foi possível apreender a possibilidade de um pensamento científico que se expressa tanto no nível da formulação teórica, quanto no nível da pesquisa empírica.

<sup>4</sup> Expressão cunhada pelo sociólogo norte-americano W. Mills (2004)

Adotando a obra de Bourdieu como um pensador original, mas que, contudo, não renuncia aos clássicos e nem à objetividade, buscou-se realizar uma análise da relação sujeito-objeto nas ciências sociais, por meio da reconstrução do itinerário de alguns conceitos importantes no campo das ciências sociais, como estrutura e divisão do trabalho.

Dentre todas as facetas da obra de Bourdieu, a antropologia reflexiva que ele conceitua, na medida em que a pratica, se apresentou como uma das mais interessantes e contemporâneas contribuições deste autor para o campo da sociologia, na medida em que recoloca o tema da epistemologia da ciência, em um movimento de superação de dicotomias que persistem no senso comum, propondo o fim do divórcio entre teoria e pesquisa empírica.

## REFERÊNCIAS

BASTIDE, R. (Coord.) **Usos e sentidos do termo “estrutura”**. Tradução de Maria H. S. Cappellato. São Paulo: Herder, 1971.

BOURDIEU, P. **Science de la science et réflexivité: cours du Collège de France**. Paris: Raison D’agir Editions, 2001.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Réponses: pour une anthropologie réflexive**. Paris: Seuil, 1992.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

IANNI, O. **Estilos de pensamento: explicar, compreender, revelar**. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultural Acadêmica, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da sociologia: o pensamento sociológico brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

IASI, M. L. **O dilema de Hamlet: o ser e o não ser da consciência**. São Paulo: Viramundo, 2002.

MARX, K. O método da economia política In: \_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p.14-19.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual**. Tradução de Antonio Ianni Segatto. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultural Acadêmica, 2004.

ORTIZ, R. (Org.). A procura de uma sociologia da prática. In: \_\_\_\_\_. **Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.7-36.

WACQUANT, L. Seguindo Pierre Bourdieu no Campo. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n.26, p.13-29, 2006.

WEBER, M. A 'objetividade' do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G. (Org). **Max Weber: sociologia**. São Paulo: Ática, 2006. p.79-127.

WOOD, E. M. **Democracia contra capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2003.